

SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSOARES)



Divulgação

A Rua Alzira Brandão, símbolo do espírito da Copa nas ruas

Cadê as ruas pintadas para a Copa do Mundo?

ÀS VÉSPERAS DE MAIS UMA COPA DO MUNDO, o Rio de Janeiro parece não perceber. Quem caminha por suas ruas já não encontra o que, por décadas, foi o mais fiel anúncio de que o futebol estava prestes a tomar conta do país: ruas enfeitadas, murros pintados, bandeirinhas cruzando o céu. Era ali, muito antes da bola rolar, que a Copa começava de verdade - não nos estádios, mas no coração das ruas.

HAVIA UMA LITURGIÀ, QUASE SAGRADA. Dois meses antes, começavam os preparativos. A vaquinha passava de porta em porta, cada um contribuindo como podia - um trocado, um rolo de tinta, um pedaço de plástico. Não era sobre dinheiro. Era sobre pertencimento. Sobre fazer parte de algo maior do que o jogo, maior até do que a própria cidade, pois ali havia alma.

NA MINHA MEMÓRIA, ESSE ALTAR POPULAR se erguia na rua Edmundo Lins, em Copacabana, paralela à Barata Ribeiro, onde cresci. Eu tinha sete anos - idade em que o mundo ainda cabe inteiro dentro de um coração pequeno. E ali, naquele pedaço de rua, o mundo era a Copa.

LEMBRO DAS MADRUGADAS ACESAS. Homens equilibrados em escadas, esticando fios e bandeiras. O cheiro do churrasquinho subindo junto com a fumaça das conversas. As latinhas tilintando discretamente nas mãos dos mais velhos. E nós, crianças, com a missão mais importante de todas: sonhar. Sonhar com gols, com vitórias, com heróis que ainda nem sabíamos o nome, mas que já habitavam a nossa imaginação. Era uma festa sem convite, sem camarote, sem patrocínio. Uma festa de gente. Gente que pintava o próprio chão para receber a seleção, como quem estende um tapete simples, mas carregado de orgulho.

HOUVE UM TEMPO EM QUE ATÉ A PREFEITURA entendia essa poesia e promovia concursos para premiar as ruas mais bonitas. Mas a verdadeira premiação estava ali mesmo: no sorriso coletivo, na obra pronta, na sensação de que aquele pedaço da cidade agora era um estádio a céu aberto, pulsando em uníssono.

OUTRO DIA, VI UM COMERCIAL NA TELEVISÃO. Nele, imagens da rua Alzira Brandão, na Tijuca - berço da lendária Turma do Alzirão, desde 1978, um símbolo máximo dessa tradição. Entre 78 e 2018, aquele endereço foi sinônimo de Copa. Ainda que, nos últimos anos, tenha flertado com uma certa "gourmetização", nunca perdeu por completo a alma. Porque a alma, essa, não se compra. Se constrói, dia após dia, no encontro das pessoas.

MAS HOJE... HOJE A CIDADE PARECE DISTRAÍDA. As ruas, nuas. Os murros, silenciosos. Nenhuma bandeira tremulando para anunciar o que se aproxima. Como se a Copa tivesse deixado de ser nossa - ou pior, como se nós tivéssemos deixado de ser dela.

E TALVEZ AINDA DÊ TEMPO DE LEMBRAR. Basta que alguém, em alguma rua esquecida, decida esticar o primeiro barbante, misturar a primeira tinta, reunir os vizinhos outra vez. Porque a Copa não começa no estádio - começa no gesto simples de um povo que escolhe celebrar junto. E, quando esse gesto renasce, ainda que tímido, ele reacende algo antigo e bonito: a certeza de que o Rio, quando quer, transforma qualquer rua em festa. E qualquer festa em memória eterna.



Carlos Monteiro

Às vésperas de seu dia, São Jorge tem um festival com música, gastronomia, cinema e debates

Ogunhê!

Festival criado pelo ator Nando Cunha investe em diferentes artes para celebrar São Jorge

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Força da natureza nas telas, celebrizado como o pai de Buchecha no sucesso "Nosso Sonho", de 2023, o ator Nando Cunha bate cabeça pro Santo Guerreiro faz tempo, realizando, há 19 anos, uma feijoada em homenagem a seu protetor. Este ano, regado pela fé desse operário da arte, o feijão rendeu mais do que se esperava e virou uma maratona cultural, que vai desta sexta (9) até o domingo. Batizado de Primeiro Festival de Jorge, o evento será realizado no Terraço da Vila, no Shopping Boulevard, em Vila Isabel. Tem música (pacas), cinema (do bom!), dança, contação de história, feira artesanal, comida gostosa.

"São Jorge é um santo popular, do povo. Ele é o cara que está sentado no trem com os trabalhadores que acordam cedo. Está nas cozinhas das empregadas. Ele está nos bares com boêmios", explica Nando. "Cultuado e celebrado no mundo inteiro, ele também está nas artes".

Terá samba pra valer no evento, com três dias de batuque. A força cinematográfica "baixa" por lá, no Shopping Boulevard, numa sessão do documentário "Jorge, O Padroeiro Guerreiro", com direção de Emílio Gallo. Produzido por Patrícia Chamon (que morreu no início do ano, deixando um legado de sucessos), o filme analisa o sincretismo em volta do culto ao único santo capaz de unir fiéis de todas as religiões. Gallo faz um estudo delicado sobre tolerância.

"O evento do Nando Cunha traz para esta cidade uma chance

“São Jorge é um santo popular, do povo. Ele é o cara que está sentado no trem com os trabalhadores que acordam cedo. Está nas cozinhas das empregadas. Ele está nos bares com boêmios”

NANDO CUNHA

PROGRAMAÇÃO DO I FESTIVAL DE JORGE

TERRAÇO DO BOULEVARD SHOPPING

(RUA BARÃO DE SÃO FRANCISCO, 236 - VILA ISABEL)

SEXTA (10): Abertura oficial (17h às 17h30h), Roda de conversa (18h às 18h30) com Babalawô Ivanir Dos Santos, Padre Victor Hugo Nascimento e o cineasta Emílio Gallo; Sessão de Filme (18h30 às 19h30): documentário "Jorge, O Padroeiro Guerreiro", de Emílio Gallo. Roda de samba (19h30 às 20h30) com grupo Nova Edição; de 20h às 20h30, tem participação do cantor Toninho Gerais; das 21h às 22h, show do grupo Swing Simpatia.

SÁBADO (11): Apresentação de DJ (15h às 16h20); show de bandas locais convidadas (16h30 às 17h30); roda de samba (18h às 20h), com grupo Nova Edição; e às 20h30, show do grupo Kiloucura

DOMINGO (12): Apresentação de DJ (15h às 16h); roda de samba (16h) com grupo Nova Edição; e das 17h30 às 18h30, show dos cantores Dinny, Cara grossa e Reinaldo; Show (19h às 20h) com o cantor Fab; e das 20h30 às 21h com o cantor Liomar

de celebração de um santo especialmente e tipicamente carioca, que une de forma respeitosa todas classes e as correntes religiosas do Rio, indo das igrejas aos bares, dos templos aos terreiros", diz o documentarista. "Para o cinema, acho que o filme representa um olhar sobre um caminho ainda muito pouco percorrido, mas rico em histórias cativantes de fé e devoção".

A feijoada servida a Jorge por

Nando acontecerá no mesmo local, no dia 23 de abril, data em que se celebra o nobre cavaleiro. "Ogum vence demanda e com sua espada e sua capa encarnada ele ajuda a vencer os desafios de se viver de cultura num país racista e cheio de preconceitos", celebra Nando. "Sigo em frente na fé que ele vai me amparar sempre, mesmo quando a sociedade insiste em dizer não".